

Parte novamente para o exílio, em 1969, com o endurecimento do regime e vive no exílio por 20 anos na França, após um curto período em Pittsburg, nos Estados Unidos, onde não quis ficar. Voltou com a abertura política no Brasil, em 1986. Autor de vários livros e trabalhos originais, como a existência do bóson  $Z_0$ , acaba de sair do prelo “um livrinho sobre a unificação das forças da natureza”, pela Unesp, conforme ele conta.

*O senhor participou da instalação dos institutos de pesquisa no País. Qual o papel que cumpriram? Como avalia a atuação das agências de fomento hoje? Prefiro não avaliar as agências hoje, pois não trabalho mais com elas. Posso falar do período de que participei, como da fundação do CBPF, que teve um papel fundamental no desenvolvimento da pesquisa científica. O que eu vejo hoje é que o Ministério da Ciência e Tecnologia, administrado por um economista que não entende a importância da pesquisa pura, quer simplesmente acabar com a pós-graduação do Centro. Não se pode matar um trabalho de 40 anos de contribuições fundamentais para a Física e de bons resultados assim, numa penada de final de gestão. Como o senhor avalia a formação de cientistas hoje? Quais as debilidades e as facilidades que existem?*

Eu creio que para melhorar a formação dos cientistas é preciso haver uma reforma nas universidades. É preciso atualizar os programas e abrir-se mais para a sociedade. Acho fundamental que o conhecimento acadêmico seja repassado aos professores do ensino secundário para melhorá-lo, através de iniciativas como cursos de aperfeiçoamento.

*Quais os atributos que nos fazem identificar um verdadeiro cientista?* Não sei. Acho que o ambiente de estímulo ao cientista hoje é bastante propício; o estudante trabalha com maior facilidade, o que é muito bom.



Cena da peça *Copenhague*, com Flávia Pucci, Oswaldo Mendes e Carlos Palma ao fundo

## Teatro

### CIÊNCIA SOBE AO PALCO

A montagem de um teatro de repertório com foco na ciência é o resultado da excelente *performance* que as peças *Copenhague* e *Einstein* alcançaram nos palcos por onde passaram nos últimos quatro anos. O ator Carlos Palma que, junto a Adriana Carui, coordena o Projeto Arte e Ciência no Palco, foi surpreendido pela receptividade que a montagem de *Einstein*, um monólogo do canadense Gabriel Emanuel, obteve nos 17 Estados por onde tem sido encenada desde 1998. “Nos debates realizados após a peça, notei que existe uma grande inquietação dos cientistas em difundir seu trabalho.” Partindo desta constatação, da demanda de mais de 80 empresas que abrigaram encenações em seus auditórios e de toda a extensão de escolas que requisitou o espetáculo, Carlos e Adriana começaram a engen-

drar o projeto, detectando que a ciência é rica como conflito humano e possui uma carga dramática adequada a montagens teatrais.

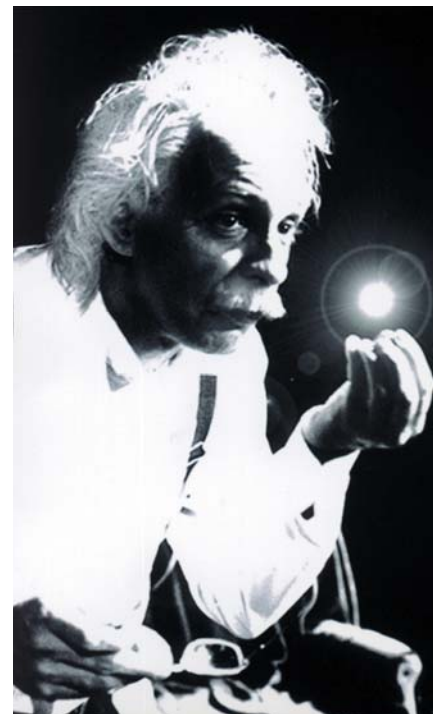
O próximo estágio da dupla, após esta experiência, foi encenar a peça infanto-juvenil *Da Vinci pintando o sete* para então dar o salto mais arrojado, que foi montar *Copenhague*. “O texto de Michael Frayn, premiado em Inglaterra, França e Estados Unidos, tem uma dramaturgia impecável e trata de uma temática difícil abordando os mistérios da Física e o diálogo de dois gênios – o dinamarquês Niels Bohr e o alemão Werner Heisenberg – em 1941, ambos envolvidos na pesquisa da bomba atômica.” O Projeto Arte e Ciência no Palco já tem uma agenda para os próximos cinco anos, que se inicia agora em agosto com a peça do espanhol José Sanches Sinisterra, *Perdida no tempo e no espaço*, uma comédia sobre Física quântica, com direção de Marco Antonio Braz. O elenco repete a dupla de *Copenhague* – Carlos Palma e Oswaldo Mendes – e introduz Flávia Pucci. “O nó dramático é saber onde a partícula está, quebrando a dimensão

de tempo e espaço e utilizando a plateia como quarto personagem”, antecipa Adriana.

Na programação prevista para março de 2003, está *Enigma*, que trata do código binário, com texto de Alan Turing e direção de Roberto Vignati. Carlos Palma acrescenta que, desde o sucesso das primeiras peças, não parou de receber textos teatrais para avaliação, sempre com temas científicos. O texto a subir ao palco em 2004 já foi definido: trata-se de *Arcadia*, uma peça de Tom Stoppard, o mesmo autor de *Shakespeare apaixonado*. Desta vez, ele trata da teoria do caos e 12 atores estarão em cena.

“A intenção é montar um teatro de repertório mas com um rodízio de diretores para que seja possível mudar a linguagem.” Palma destaca ainda os apoios importantes da empresa Aman-Key, de Oscar Motomura, de Oswaldo Mendes e do iluminador Francisco Alves.

Wanda Jorge



Carlos Palma interpreta Einstein

## Cinema

### CAFUNDÓ TEM CAPTAÇÃO INÉDITA DE RECURSOS

O ator Paulo Betti encontrou uma forma inédita para captar recursos para a produção do filme *Cafundó - Uma ficção sobre João de Camargo*. Agora, os beneficiários da Previ (fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil) poderão fazer pequenas doações mensais e se beneficiar da Lei do Audiovisual (Lei 8.685/93), que permite deduzir os valores do imposto de renda.

O filme conta a história de João de Camargo, um ex-escravo milagreiro da região de Sorocaba, interior de São Paulo, que viveu de 1858 a 1942, e que venceu no mundo dos brancos pela fé e pela humildade. O filme mostra também o universo das feiras de mueres que, durante 250 anos, reuniam em Sorocaba os animais para serem vendidos, principalmente burros, que vinham de Viamão, RS. Essas feiras eram muito importantes e duravam quatro meses. João de Camargo nasceu no auge das feiras. Elas aparecerão como pano de fundo no filme.

Betti conta que conhece essa história desde menino. “Meu avô era um imigrante italiano que trabalhava a meia nas terras de um fazendeiro negro. No caminho da roça de meu avô havia uma igreja, que existe até hoje, tombada pelo patrimônio histórico, dedicada a João de Camargo. A história me pegou quando ia visitar meu avô. Fiquei fascinado por aquele santo negro, que não era da igreja católica e que tinha



Cena doméstica no *Cafundó*

construído uma igreja muito peculiar”, diz o ator.

A pesquisa para a elaboração do roteiro, escrito por Clóvis Bueno, foi feita por José Carlos de Campos Sobrinho e Adolfo Friolli e resultou no livro *João de Camargo de Sorocaba, o nascimento de uma religião*, da editora Senac. Mas a história do milagreiro foi objeto de estudo de outros intelectuais, tais como Florestan Fernandes, Roger Bastide e Sandra Regina Corrêa. Carlos Vogt e Peter Fry, por sua vez, dedicaram um longo estudo à comunidade negra do Cafundó, publicado no livro *Cafundó: a África no Brasil* (Companhia das Letras e Editora da Unicamp, São Paulo, 1996).

Apesar de existir o Cafundó, um bairro onde vive uma comunidade de negros descendentes de um ex-escravo, e de esse bairro ser próximo a Sorocaba e também a Cocais, o provável local de nascimento do personagem principal do filme, Betti afirma que o Cafundó do filme “é um universo mítico, onde o Judas perdeu as botas, com pouca relação com a comunidade do Cafundó”. Para ele, os estudos feitos sobre João de Camargo jogaram luzes sobre essa história, e que os produtores do filme irão contá-la para entreter o espectador.